Mulheres guitarristas: narrativas sobre acesso, permanência e formação em um curso técnico de guitarra.

Comunicação

GTE 15 - Gênero e sexualidade na Educação Musical

Pamella Carneiro Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
pamellacs89@gmail.com

Yanaêh Vasconcelos Mota
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
yanaeh.mota@ufrn.br

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de monografia, que teve como objetivo analisar como as relações de gênero atravessam os processos de acesso, permanência e formação de mulheres em um curso técnico de guitarra de uma instituição pública brasileira. A pesquisa adotou uma abordagem mista, primeiramente quantitativa e posteriormente qualitativa, articulando levantamento documental dos processos seletivos realizados entre 2014 e 2025 e entrevistas narrativas com quatro mulheres guitarristas que participaram desses processos. O referencial teórico articula contribuições dos estudos feministas, das discussões sobre patriarcado e gênero e das pesquisas sobre mulheres na música. Os dados foram analisados à luz dos estudos de Green (2001), Lerner (2019) e Saffioti (2001), organizando a análise em três categorias: acesso, permanência e formação. Os resultados evidenciam que a reduzida participação de mulheres está também relacionada a barreiras estruturais de gênero, antes, durante e após o processo seletivo. As narrativas revelam que a permanência é marcada pela necessidade constante de comprovar competência e por diferentes formas de violências sutis e simbólicas, repercutindo na construção da identidade profissional e no sentimento de pertencimento das participantes. Conclui-se que as desigualdades de gênero influenciam não apenas o acesso aos cursos técnicos de guitarra, mas também as condições de permanência e os processos formativos, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas e políticas institucionais comprometidas com a equidade a representatividade e a construção de ambientes formativos mais acolhedores e inclusivos. Este estudo busca contribuir para ampliar a experiência de mulheres guitarristas e fomentar reflexão sobre equidade de gênero na Educação Musical.

Palavras-chave: mulheres, guitarristas, educação musical.

Introdução

A inserção da guitarra no contexto acadêmico enfrenta desafios relacionados desde a luta por consolidação seja nos cursos técnicos e nas instituições de ensino superior, assim como seu reconhecimento como objeto legítimo de investigação na produção científico-acadêmica (Nascimento; Ferreira Filho, 2025). Embora se observe um crescimento das pesquisas dedicadas à história, ao ensino e à atuação profissional de guitarristas, assim como a ampliação da oferta de cursos voltados ao instrumento (Caraveo, 2016), esse processo não tem sido acompanhado por um aumento proporcional da participação de mulheres nesses espaços. Persistem lacunas na produção científica acerca das trajetórias formativas de mulheres guitarristas, de suas vivências em processos seletivos e de barreiras enfrentadas que atravessam seu acesso, permanência e reconhecimento em contextos acadêmicos e profissionais historicamente estruturados pela predominância masculina.

Esta comunicação, nesse contexto, apresenta um recorte da monografia “Mulheres guitarristas e formação técnica: trajetórias, processos seletivos e resistência” (Silva, 2026), cuja pesquisa investigou a trajetória formativa e atuação de mulheres guitarristas que participaram de processos seletivos para ingresso em um curso técnico de guitarra de uma instituição pública brasileira. O estudo buscou compreender de que maneira as relações de gênero atravessam a formação musical e influenciam os percursos dessas mulheres.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem mista, articulando uma primeira fase quantitativa, baseada em levantamento documental, e uma segunda fase qualitativa, composta por entrevistas narrativas realizadas com quatro mulheres guitarristas. Para compreender o fenômeno, o referencial teórico articulou contribuições de estudos feministas, gênero e patriarcado, assim como pesquisas sobre mulheres na música.

No presente trabalho, o foco incide sobre a análise das barreiras de gênero narradas pelas participantes e das repercussões dessas experiências em seus processos de acesso, permanência e formação em um curso técnico de guitarra.

Referencial teórico

A música, compreendida como uma prática social e cultural, constitui um espaço no qual também se manifestam as relações de poder e as desigualdades presentes na sociedade. Ao longo da história, a produção, a performance e os espaços de formação musical foram predominantemente ocupados por homens, enquanto a participação das mulheres permaneceu restrita ou invisibilizada em diferentes contextos.

Ao discutir a participação das mulheres na música, Lucy Green (2001) demonstra que as práticas musicais foram historicamente organizadas por uma divisão de trabalho que atribuiu aos homens os espaços públicos de criação, performance e prestígio, enquanto às mulheres foram destinados os ambientes privados, associados ao ensino doméstico e ao cuidado. A autora denomina esse processo de *patriarcado musical*, conceito que evidencia como a música ocidental foi estruturada a partir de relações de poder que naturalizaram a presença de homens em posições de destaque e invisibilizaram a contribuição das mulheres. Essa lógica também contribuiu para produzir uma classificação simbólica dos instrumentos musicais, associando determinados instrumentos à feminilidade e outros à masculinidade.

As reflexões de Green dialogam com a compreensão de patriarcado desenvolvida por Gerda Lerner (2019), que o define como um sistema histórico de organização social baseado na autoridade e poder masculino que organiza e mantém a subordinação das mulheres. Para a autora, o patriarcado é uma construção histórica continuamente reproduzida por instituições sociais, políticas, educacionais e culturais. Ao limitar o acesso das mulheres aos espaços de produção de conhecimento, liderança e reconhecimento social, esse sistema contribui para a manutenção de desigualdades que atravessam diferentes campos, incluindo a música e educação musical.

Em consonância com essa perspectiva, Heleieth Saffioti (2001) compreende o patriarcado como um fenômeno social e um sistema de dominação anterior ao capitalismo que tem como objetivo se beneficiar da exploração e dominação que organiza as relações sociais. Assim, essa organização social, legitima a ocupação masculina em posições de autoridade, destaque e liderança e restringe a participação feminina em áreas historicamente masculinizadas. No campo da música, essas relações se manifestam na baixa

representatividade de mulheres em determinadas áreas de atuação e concentração feminina em áreas específicas, consideradas mais “femininas”. Ocasionando em poucas ou nenhuma mulher presente em cursos de instrumentos socialmente masculinizados. E o efeito resultante para estas poucas durante o processo de estudo, incide na necessidade constante de provar competência, na invisibilização de suas trajetórias e diferentes formas de violência sutis e simbólicas presentes nos espaços formativos.

Assim, ao lançar luz sobre as estruturas se permite compreender que as experiências narradas pelas participantes não correspondem a casos isolados, mas expressam relações sociais historicamente construídas que continuam influenciando o acesso, a permanência e a formação de mulheres em cursos técnicos de guitarra. Ao evidenciar essas estruturas, o presente estudo busca contribuir para o debate sobre equidade de gênero na educação musical e para a construção de práticas pedagógicas e institucionais mais inclusivas.

Metodologia

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de graduação desenvolvida a partir de uma abordagem mista, a fase quantitativa permitiu dimensionar a participação feminina no curso técnico de guitarra, enquanto a qualitativa possibilitou compreender os sentidos atribuídos pelas participantes às suas experiências de formação. Conforme Freire (2010), as abordagens quantitativa e qualitativa não devem ser compreendidas como perspectivas opostas, mas como estratégias metodológicas complementares, capazes de enriquecer a investigação científica e contribuir para o avanço das pesquisas na área da música.

Durante a primeira fase, foi realizado um levantamento documental dos processos seletivos para ingresso no curso técnico de guitarra de uma instituição pública brasileira, contemplando o período de 2014 a 2025. Foram consultados editais, listas de classificação, listas de matrícula e demais registros institucionais disponíveis, com o objetivo de identificar a participação de mulheres ao longo de onze anos consecutivos. Esse levantamento possibilitou mapear o número de candidatas inscritas, aprovadas e matriculadas, evidenciando a reduzida presença de mulheres nesse espaço de formação e oferecendo um

panorama inicial do fenômeno investigado. A análise documental também permitiu localizar as mulheres que participaram dos processos seletivos e contribuiu para busca e contato das colaboradoras da fase seguinte.

Na segunda fase, qualitativa, foram realizadas entrevistas narrativas com quatro mulheres guitarristas que participaram do processo seletivo para ingresso no curso durante o período analisado. A opção pela entrevista narrativa fundamenta-se na compreensão de que as trajetórias de formação são construídas por meio das experiências vividas e dos sentidos que os sujeitos atribuem a elas (Passeggi, 2016). Mais do que registrar acontecimentos, essa técnica possibilita compreender como as participantes interpretam seus percursos, elaboram memórias e constroem significados acerca de sua relação com a guitarra, com os espaços de formação musical e com as relações de gênero vivenciadas que atravessam esses contextos.

As participantes foram selecionadas a partir do levantamento documental, considerando mulheres que participaram dos processos seletivos entre 2014 e 2025. As entrevistas abordaram aspectos relacionados ao início da aprendizagem da guitarra, às experiências vividas durante a preparação para o processo seletivo, ao ingresso ou não ingresso no curso técnico e às repercussões dessas vivências em suas trajetórias musicais e profissionais. Para garantir o anonimato, foram utilizados pseudônimos inspirados em mulheres guitarristas reconhecidas na história musical.

A análise das narrativas permitiu identificar recorrências e aproximações entre as experiências vividas pelas participantes. Essas recorrências foram organizadas em categorias analíticas que estruturam a discussão dos resultados, permitindo compreender como as relações de gênero atravessam diferentes momentos de seus percursos. Considerando o recorte proposto, a análise concentrou-se nas categorias acesso, permanência e formação, por evidenciarem as principais barreiras de gênero presentes nas experiências das mulheres guitarristas investigadas.

Resultados e discussão

Os dados documentais revelam uma baixa participação feminina nos processos seletivos para o curso técnico de guitarra durante o período analisado. Entre 2014 e 2025,

apenas 6 mulheres participaram do processo seletivo. Entre as participantes da pesquisa, apenas três conseguiram ingressar no curso, enquanto uma não foi aprovada. Destas que conseguiram ingressar uma precisou prestar a seleção durante cinco vezes até ser aprovada, outra por duas vezes consecutivas e uma ingressou por sistema de cotas. Durante o período formativo, duas das ingressantes não concluíram o curso e somente uma conseguiu se formar.

Embora esses números revelem uma desigualdade quantitativa no espaço de formação, eles também revelam o que é observado pelas próprias participantes em suas referências musicais. As entrevistadas relatam que, ao longo de suas trajetórias musicais, raramente encontraram outras mulheres guitarristas que pudessem ser referência em seus estudos ou que vissem ocupando espaços de formação. A ausência de mulheres como referências na guitarra aparece como uma fala comum entre a narrativa de todas as participantes.

Conforme argumenta Green (2001), a organização histórica da música ocidental atribuiu diferentes papéis a homens e mulheres, associando determinados instrumentos à masculinidade e reservando às mulheres práticas musicais consideradas socialmente mais “adequadas” ao “feminino”. Essa construção histórica também contribuiu para naturalizar a predominância de homens em instrumentos como a guitarra, o que influencia até mesmo na relação de pertencimento das mulheres no espaço de estudo do instrumento. As narrativas também evidenciam que essa percepção se intensifica no momento do processo seletivo, uma das participantes relata sobre a predominância masculina:

> É muita gente para tentar esse curso, e muitas mulheres não tentam justamente, porque... é uma enxurrada de homens que tentam, que até desanimam, entendeu? (Beverly, a única concludente do curso técnico, 2026).

A fala evidencia que a desigualdade de acesso não decorre apenas do número reduzido de vagas ou das exigências técnicas do processo seletivo, mas também de fatores simbólicos que produzem insegurança e desencorajam a participação de mulheres. Nesse sentido, o acesso ao curso é condicionado por mecanismos de exclusão que antecedem o

próprio ingresso, limitando as possibilidades de identificação das mulheres com esse espaço formativo.

Experiência semelhante é narrada por Maybelle, que vivenciou o processo seletivo antes da pandemia de Covid-19, ela recorda o impacto de chegar ao local da prova e perceber que era a única mulher entre muitos candidatos:

> E o interessante é que eu lembro que na época eu via só homens entrando. Homens, homens, homens.[...] Eu acho que só tinha eu de menina. [...] E aquilo me deixou muito tensa também. Eu falei: Caramba, esses caras devem tocar muito [...] Mas enfim, eu vi os caras e tudo mais, e eu falei: Véi, só eu aqui [...] (Maybelle, não obteve aprovação no processo seletivo, 2026).

A narrativa revela como a predominância de homens se manifesta não apenas como um dado estatístico, mas como uma experiência concreta de estranhamento e não pertencimento. Estar sozinha em um ambiente majoritariamente de homens e masculino produz a sensação de ocupar um espaço que, historicamente, não reproduz referenciais de mulheres, reforçando a ideia de falta de identificação com o ambiente antes mesmo do início da formação. Essas experiências dialogam com a concepção de que patriarcado produz a exclusão das mulheres dos espaços públicos e das posições de prestígio constitui um processo histórico, que continuamente é reproduzido pelas instituições sociais. De modo similar, as relações patriarcais produzem uma divisão que restringe a participação de mulheres em áreas historicamente ocupadas por homens, o que naturaliza as desigualdades de acesso e reconhecimento (Lerner, 2019; Saffioti, 2001).

Outro aspecto recorrente nas entrevistas refere-se à ausência de referências de mulheres durante o processo de aprendizagem. As participantes relatam que seus principais referenciais eram guitarristas homens, tanto no espaço formativo quanto na mídia. A invisibilização das mulheres na história da guitarra contribui para reforçar a ideia de que a excelência técnica e o protagonismo no instrumento pertencem ao universo masculino, resultando em barreiras que podem dificultar para que meninas e mulheres se reconheçam como possíveis protagonistas nesses espaços.

Desse modo, os resultados indicam que o acesso ao curso técnico de guitarra não deve ser compreendido apenas como uma etapa seletiva baseada em critérios de desempenho musical. Mais do que explicar a baixa participação de mulheres a partir de fatores individuais, os dados revelam que o acesso à formação técnica em guitarra é atravessado por relações estruturais de gênero que continuam produzindo desigualdades na educação musical.

Se o acesso ao curso técnico de guitarra já se apresenta como um desafio para as mulheres, as narrativas evidenciam que a permanência constitui uma etapa igualmente marcada por desigualdades de gênero. As três participantes que ingressaram no curso relataram ter sido as únicas mulheres de suas respectivas turmas, situação esta que produziu sentimentos de isolamento, e necessidade constante de negociar a interação com colegas através de códigos de sociabilidade masculinos, além da necessidade permanente de legitimar sua presença naquele espaço.

A narrativa de Orianthi evidencia que a convivência em um espaço majoritariamente masculino implica processos contínuos de adequação às normas e comportamentos que legitimam esse contexto:

> E se você, chegando naquele meio, você agindo como eles, você vai ser mais bem aceita entre eles. Porque você é um deles. Meus amigos falam “pra mim, você é um cara” (Orianthi, não concluiu o curso técnico, 2026).

A experiência narrada revela que o reconhecimento de sua presença no ambiente formativo está condicionado à adequação às normas e expectativas construídas a partir da experiência masculina, em vez do reconhecimento da diversidade de trajetórias e identidades presentes nesse espaço.

A masculinização dos espaços de ensino musical não se manifesta apenas pela reduzida presença de mulheres, mas também pelas expectativas construídas em torno de quem é socialmente reconhecido como músico competente. Nesse contexto, a competência técnica tende a ser associada aos homens, enquanto as mulheres frequentemente precisam demonstrar repetidas vezes que são capazes de ocupar os mesmos espaços. Rosetta relata:

> Você chegar e, você ver que os caras estão ali, tipo... que eles estão te julgando de alguma forma ou de outra. [...] Não é uma coisa explícita, mas você sabe que, tipo “ah... tá vendo? Não sabe! Ah, tá vendo, isso aqui, olha... é uma mulher...” [tom menosprezando] entendeu? (Rosetta, não concluiu o curso técnico, 2026).

Sua narrativa evidencia que os erros, comuns em qualquer processo de aprendizagem, adquiriam um significado distinto quando praticados por uma mulher. Para ela representava uma possível confirmação dos estereótipos de gênero associados ao femino. Essa experiência dialoga com a noção de violência simbólica, expressa por meio de expectativas e julgamentos que, embora muitas vezes sutis, contribuem para reforçar relações de poder e exclusão. Situação semelhante aparece na narrativa de Beverly, que relata ser frequentemente comparada aos colegas homens durante sua formação. Em suas palavras:

> Eu acho que a mulher... eles não esperam muito, né? [risos] A verdade é essa [risos]. É tipo assim, ah, errei, “eu já imaginava que ela ia errar”, entendeu? Eu sempre senti isso, sempre, sempre, inclusive foi uma das coisas que eu mais me indignei no técnico, entendeu? [...] “Você tá tocando muito assim, você não está vendo fulano [outro colega]?” Eu estou vendo, mas eu não sou ele. Você não consegue aceitar o meu jeito de tocar? E eu escutei muito [ênfase] isso. Muito. Até não só do meu próprio professor, mas de outro professor, que era da prática da prática de conjunto (Beverly, a única concludente do curso técnico, 2026).

A comparação constante evidencia que o parâmetro de excelência adotado no ambiente formativo era referente a performance de homens. Em vez de reconhecer diferentes trajetórias e formas de aprender, a avaliação das estudantes era frequentemente construída em relação ao desempenho dos seus colegas homens, reforçando a ideia de que estes representavam o modelo esperado de guitarrista. Como observado por Green (2001) o patriarcado musical exclui produzindo a ausência das mulheres em espaços musicais, mas também reforça a exclusão pela produção de padrões de excelência construídos a partir de experiências predominantemente masculinas.

As narrativas evidenciam que as experiências vividas ao longo do curso técnico produziram impactos que ultrapassam a aquisição de conhecimentos técnico-musicais. A formação foi compreendida pelas participantes como um processo de negociação constante

com relações de gênero que atravessaram seus percursos acadêmicos. Assim, as dificuldades enfrentadas durante o acesso e permanência repercutiram diretamente na maneira como cada uma passou a compreender sua relação com a guitarra, com a profissão e com os espaços de formação musical. Para as participantes que ingressaram no curso, a aprovação representou a concretização de um objetivo construído ao longo de suas trajetórias. Entretanto, Orianthi relata que após sua aprovação, passou a sentir que precisava corresponder às expectativas criadas em torno de sua presença no curso:

> Algumas pessoas quando viam eu tocando, tipo, acho que elas criavam uma expectativa muito grande, tipo, “ah, ela entrou aqui, tirou o lugar de muito cara que toca muito, então ela deve tocar bem, [...]”. E aí eu [...] Eu não conseguia. Eu não saí de *Instrumento I* [disciplina] pra você ter uma noção. Eu aprendo com facilidade, mas, às vezes, eu tenho uma certa dificuldade em alguns sentidos (Orianthi, não concluiu o curso técnico, 2026).

A narrativa de Orianthi evidencia que sua aprovação no processo seletivo foi acompanhada por um processo contínuo de legitimação de sua presença. A percepção de que havia "tirado o lugar de um cara" produzia uma expectativa permanente de desempenho, como se sua permanência dependesse da demonstração constante de competência. Nesse contexto, dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem deixavam de ser compreendidas como parte da formação e passavam a alimentar questionamentos sobre sua legitimidade, seu pertencimento ao curso e sua própria identidade como guitarrista, o que mais tarde a influenciou em trocar o curso por outro instrumento.

A narrativa da única formada no curso de guitarra demonstra que, permanecer no curso e se formar exigiu estratégias e negociações permanentes de resistência. Para ela, o constante enfrentamento ao passar dos anos se deu através de motivação individual, em concluir o que inicialmente era a realização de um sonho. Ela relata:

> Quando eu insisti, eu insisti, não, não, não, não, não quero saber, foi uma escolha minha, eu sei que tá sendo difícil, mas foi o que eu escolhi pra mim, eu vou até o fim. E foi o que aconteceu. Eu só parei, quando terminei o recital de conclusão. Quando eu desabei assim, eu disse, era isso aqui que eu queria, não importa o que acontecesse, por mais que eu desista, mas eu vou terminar isso aqui (Beverly, a única concludente do curso técnico, 2026).

Apesar das dificuldades e do intenso desgaste emocional acumulados ao longo da formação, Beverly reafirma continuamente sua decisão de concluir o curso. Ainda assim, as experiências de deslegitimação vivenciadas durante o curso produziram efeitos que extrapolaram o processo formativo, repercutindo em sua relação com a música, na construção de sua identidade como guitarrista e em sua saúde emocional, como consequência no seu afastamento profissional da música.

Esses resultados evidenciam que as barreiras de gênero não se limitam ao acesso ou à permanência, mas influenciam profundamente os modos como as mulheres vivenciam sua formação e constroem seu pertencimento aos espaços formativos. As estratégias revelam que a permanência não depende exclusivamente da motivação, e da capacidade individual de enfrentar barreiras estruturais que atravessam a experiência educativa. É necessário uma rede de apoio, que torna-se fundamental no processo de permanência de mulheres, e esta quando ocorre, vem de fora da própria instituição.

Nessa perspectiva, os resultados indicam que a permanência de mulheres em cursos técnicos de guitarra não pode ser compreendida apenas como consequência do ingresso. Permanecer significa negociar constantemente relações de poder, enfrentar processos de invisibilização e resistir a práticas que reafirmam a masculinização desse espaço formativo. As experiências narradas pelas participantes evidenciam que as desigualdades de gênero continuam produzindo efeitos concretos sobre os processos de aprendizagem, tornando necessária a construção de ambientes educacionais que promovam não apenas o acesso, mas também condições efetivas de pertencimento, reconhecimento e permanência para mulheres na formação musical.

Dessa forma, os resultados indicam que a formação musical não pode ser compreendida apenas como um processo de desenvolvimento técnico. Ela constitui uma experiência social na qual conhecimentos musicais, identidade e pertencimento são produzidos simultaneamente. Ao evidenciarem que as desigualdades de gênero influenciam não apenas o acesso, mas também as condições de permanência e os desdobramentos da formação, as narrativas reforçam a necessidade de que instituições de ensino musical adotem estratégias voltadas à construção de ambientes mais inclusivos. Isso implica reconhecer que

políticas de acesso, além de fundamentais, são insuficientes quando não acompanhadas por ações que promovam acolhimento, representatividade, pertencimento e equidade ao longo de todo o percurso formativo.

Considerações finais

Este estudo buscou analisar as narrativas de mulheres guitarristas sobre seus processos de acesso, permanência e formação em um curso técnico de guitarra, evidenciando como as relações de gênero atravessam essas experiências. A articulação entre os dados documentais e as entrevistas narrativas permitiu compreender que a reduzida participação feminina nesse contexto não pode ser explicada apenas por escolhas individuais ou pelo interesse das mulheres pelo instrumento, mas por barreiras estruturais historicamente construídas e também reproduzidas no campo da música e da educação musical.

Os resultados demonstraram que essas barreiras se manifestam em diferentes momentos da experiência formativa. Antes mesmo do ingresso, a predominância masculina nos espaços de ensino da guitarra, a escassez de referências femininas e a associação histórica do instrumento ao universo masculino influenciam a percepção de pertencimento. Após o ingresso, as participantes relataram experiências marcadas por exclusão de dinâmicas sociais, pela necessidade constante de comprovar competência e por diferentes formas de violência simbólica, evidenciando que a permanência em cursos técnicos de guitarra é atravessada por desafios que extrapolam as exigências técnico-musicais.

Nesse sentido, os resultados reforçam a necessidade de ampliar as discussões sobre equidade de gênero na Educação Musical, especialmente no âmbito da educação profissional técnica e superior. Promover maior participação de mulheres em cursos de guitarra, para além da necessidade de ampliar o número de vagas e incentivar o ingresso delas, é urgente o estabelecimento de condições efetivas para sua permanência, seu reconhecimento e seu desenvolvimento ao longo da formação. Isso implica pensar práticas pedagógicas, currículos, processos seletivos e culturas institucionais comprometidos com a diversidade, a representatividade e o enfrentamento das desigualdades de gênero.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar a produção acadêmica sobre mulheres guitarristas e incentive novas investigações acerca das relações entre gênero, formação musical e educação profissional. Ao dar visibilidade às narrativas dessas mulheres, este trabalho busca colaborar para a construção de uma educação musical mais democrática, inclusiva e socialmente comprometida, na qual o acesso, a permanência e o pertencimento deixem de ser desafios individuais e passem a constituir responsabilidades compartilhadas pelas instituições de ensino e pela comunidade musical.

Referências

CARAVEO, Saulo C.. Uma breve história da guitarra elétrica: a conquista acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 9., 2016, Boa Vista. *Anais...* Boa Vista: ABEM, 2016. p. 1-16. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernt/v2/papers/1562/public/1562-6753-1-PB.pdf Acesso em 04 de junho de 2026.

FREIRE, Vanda Bellard (org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GREEN, Lucy. *Música, género y educación.* 1a Ed.Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Editora Morata, 2001.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado:* História da Opressão das Mulheres pelos Homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

NASCIMENTO, Arthur M. do; FERREIRA FILHO, João V.. Revisão da literatura das pesquisas em guitarra elétrica: um breve recorte da produção bibliográfica na pós-graduação entre o período de 2016 a 2025. In: XXVII Congresso Nacional da ABEM, 2025. *Anais [...].* [S.l.]: Curitiba: ABEM, 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. *Coisas do Gênero*, v. 2, n. 2., p. 302-314, ago/dez 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 115-136, 2001.

SILVA, Carneiro Pamella. *Mulheres guitarristas e formação técnica*: trajetórias, processos seletivos e resistências. Orientador: Mário André Wanderley de Oliveira. Coorientadora:

Yanaêh Vasconcelos Mota. 2026. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2026.